

| | Periodicidade: | Diário | Temática: | Saúde |
|------------|----------------|------------------|-------------|-------|
| Público | Classe: | Informação Geral | Dimensão: | 433 |
| 20-11-2009 | Âmbito: | Nacional | Imagem: | S/PB |
| | Tiragem: | 75000 | Página (s): | 12 |



Houve dezenas de mortes fetais em grávidas não-vacinadas

Especialistas insistem que as três mortes de fetos não podem ser associadas à imunização. Mas as futuras mães estão apreensivas

Alexandra Campos, Andrea Cunha Freitas e Romana Borja-Santos

Os principais hospitais e maternidades portugueses registrarm desde o início de Outubro dezenas de mortes fetais em grávidas não-vacinadas contra a gripe A, de acordo com dados que o PÚBLICO recolheu junto das unidades. Os números são mesmo muito superiores às duas mortes fetais tardias e ao aborto espontâneo registados nos últimos dias em mulheres vacinadas e que geraram grande preocupação sobre a segurança da imunização entre as futuras mães.

O Ministério da Saúde afirma que não possui dados organizados deste assunto específico, mas, pelo que foi possivel perceber, a maioria dos hospitais e maternidades contactados possui registo de mortes fetais em mulheres não-vacinadas. Só no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, desde o início de Outubro, ocorreram I mortes fetais após as 22 semanas de gestação: cinco em Outubro e seis em

Vacina pandémica é tão segura como a sazonal

A Organização Mundial de Saúde informou ontem que reuniu informação de 16 dos 40 países onde estão a decorrer as campanhas de vacinação contra a gripe A e reafirmou que os 80 milhões de doses administradas comprovaram que os efeitos adversos são "raros" e estão dentro do previsto. Por isso a OMS insiste que a vacina é tão segura como a sazonal e muito importante para prevenir os efeitos da pandemia nos principais grupos de risco – como grávidas e crianças. A organização assegura, ainda, que não houve nenhuma morte que se possa atribuir à vacina e que as pessoas que desenvolveram a síndrome de Guillain-Barré recuperaram totalmente. R.B.S.

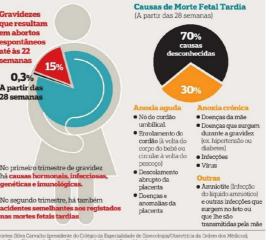
Novembro. No caso do Hospital de São João, no Porto, o número refere-se a óbitos de fetos no útero após as 28 semanas no mesmo período e fica-se pelos três registos (em igual período dos três anos anteriores foram quatro). A campanha nacional de vacinação só arrancou a 26 de Outubro.

A propósito das mortes fetais e do aborto em grávidas recém-vacinadas, o director do serviço de Ginecología e Obstetrícia do Hospital de Santa Maria insiste que a vacina é segura e contrapõe com os casos das 12 grávidas que em todo o país precisaram de ficar ventiladas depois de terem sido infectadas com a nova estirpe do HINI. "Há um bebé saudável que corre o risco de ficar órião e é uma situação que podería ter sido evitada pela vacina", exemplifica Luís Graça. "É legitimo o medo, mas, neste momento, nada liga a vacina à morte dos fetos", diz.

No Hospital Amadora-Sintra con tabilizaram-se duas mortes em cada mês. No Hospital Garcia de Orta só foi possível obter uma média situada entre as 30 a 40 mortes fetais por ano e nada indica que o comportamento dos meses de Outubro e Novembro tenha sido atípico. O director do Servico de Obstetrícia desta unidade lamenta, por isso, que haja "um grande receió entre as grávidas". Manuel Hermida lembra que vão ocorrer mais mortes em fetos de recém-vacinadas, que aconteceriam na mesma porque "a causa é outra". Na Maternidade Júlio Dinis, no Porto, o director, Paulo Sar mento, diz que se verifica uma média de 1,5 casos por mês. E na Maternidade Bissaya Barreto, em Coimbra, houve cinco casos de mortes fetais este ano, mas a última foi em Junho.

Já quando se fala em abortos espontâneos (que ocorrem antes das 22 semanas de gravidez), os números são muito mais elevados. "Cerca de 15 por cento das gravidezes terminam em abortamentos espontâneos em muitos casos as grávidas nem se dão conta", frisa Silva Carvalho, presidente do cológio da especialidade de Ginecologia/Obstetricia da Ordem dos Médicos. Registados na Direcção-Geral da Saúde são mais de nove mil por ano (dados de 2007).





Portugal soma dois casos de mortes fetais tardias em grávidas vacinadas contra a gripe A. Contudo, em nenhum das situações (uma às 34 semanas) foi possível estabelecer uma relação entre a morte e a vacina. Os resultados finais das autópsias ainda continuam por conhecer, mas as avaliações preliminares dão conta de que, em ambos os casos, terá acontecido uma anoxemia aguda, isto é, a falta de irrigação sanguínea do feto

de forma repentina.

O primeiro caso ocorreu sábado no lospital de Portalegre e o segundo segunda-feira no Hospital CUF Descobertas, em Lisboa. As mulheres eram acompanhadas e as gravidezes decoriam sem complicações. As duas manifestaram os mesmos sintomas: um súbito aumento dos movimentos fetais e, depois, uma redução acentuada. Na quarta-feira também chegou a ser avançada a existência de um terceiro caso no Hospital de Leiria. Mas a unidade esclareceu que a grávida tinha sido vacinada a 2 de Novembro e perdeu o bebé às 20 semanas de gestação, "tratando-se de um aborto".